

**MEMÓRIAS DA MINHA VIAGEM PARA A GUERRA  
COLONIAL 1972 a 1974:  
(45 anos se passaram)**



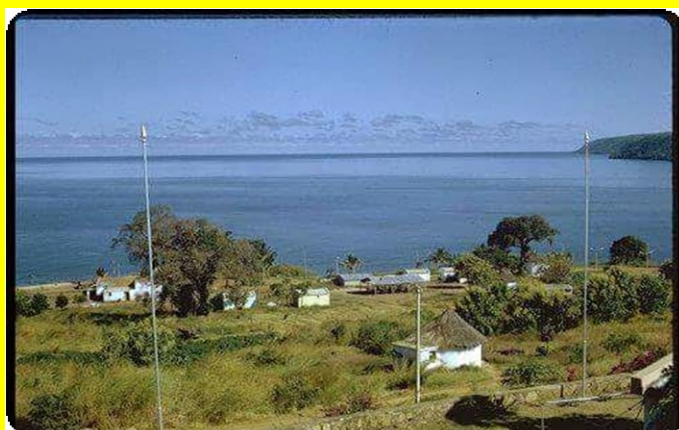
No dia 12 de Novembro de 1972 embarquei para a região militar de Moçambique



num avião dos (T.A.M.) com destino à cidade da Beira onde desembarquei à minha espera estavam viaturas do nosso exército para me levar para a unidade militar da cidade da Beira onde estive à espera de embarque para outro destino.

No dia 15 de Novembro embarquei com o 1.º

escalão num avião fretado com destino a Nova Freixo. No mesmo dia fui transportado para a estação dos caminhos-de-ferro onde embarquei num comboio velho puxado a carvão que se encontrava lotado por homens mulheres e crianças Africanas de raça negra. Fiquei estalado na carruagem da frente junto à locomotiva onde seguia o arrebenta minas. Segui um dia de comboio para percorrer os sete centos e tal quilómetros de via-férrea com os soldados que iam junto ao rebenta minas a fazer a protecção ao comboio iam constantemente aos tiros de G3 todo o trajecto eu era checa vivi momentos de muita ansiedade e medo vi várias carruagens tombadas nas ravinas junto da via-férrea até Vila Cabral capital da Província do Niassa conhecida na gíria da tropa (ESTADO DE MINAS GERAIS). Daqui eu ainda percorri cerca de 20 horas os 60 quilómetros que faltavam até Meponda junto do lago do Niassa estrada em que foram “picados” todos os palmos de terra que os rodados das berlietes haveriam de percorrer. A coluna chega ao seu destino desembarquei e me dirigi



para a linda praia onde vi a água do Lago do Niassa muito limpa sentei-me descalcei as minhas botas para refrescar os meus pés que estavam tão cansados de imensas horas de viagem. A refulgência do astro rei deixara de brilhar sobre a linda praia para dar lugar à escuridão da noite vislumbrei um guarda-sol construído em palha onde jantei a dita (ração de combate) o alimento que me acompanhou nesta longa viagem. Depois deitei-me sobre o areal da praia debaixo do guarda-sol onde adormeci com o som das ondas do lindo Lago do Niassa. 19 De Novembro de 1972 quando o sol se declinava suavemente como uma bola de fogo sobre as cálidas

águas do Lago do Niassa vislumbrei junto do areal uma lancha da marinha para transportar mais uma companhia de militares que iam povoar as densas e perigosas matas do Lunho. O veículo que me ia transportar seguiu a sua



marcha abandonou aquele local dando lugar não menos belo crepúsculo que encontrei com lividez a lancha baloiçava suavemente sobre o atapetado manto formado pelas águas do Niassa vi o rosto dos meus camaradas debruçados sobre o tombadilho do veículo observando atónitos a algazarra que recrudescia à medida que se aproximava de uma outra praia a quem lhe chamavam Metangula. O ar trépido estampado no meu olhar quando desembarquei para terra vi os soldados já velhinhos que ali se encontravam com o seu camuflado todo gasto e roto transportando nas mãos latas e garrafas de cerveja saltando de alegria ao verem

mais uma companhia de checas novinhos com o seu camuflado reluzente acabados de chegar da Metr pole. Aqueles velinhos nos deram vários conselhos e nos avisaram que o Lunho era um sítio muito duro de roer. Contudo no meu íntimo uma perene esperança confidenciou-me que o meu regresso seria uma incerteza.

Aproximou-se a hora de abandonar aquele local fui encaminhado para uma das viaturas que formava já na picada uma coluna auto as viaturas começaram abandonar aquele local segui o seu destino por uma picada muito perigosa



que cheirava a trotil onde vi soldados apeados na frente das viaturas com uns paus onde tinham uns pequenos ferros afiados fazendo a picagem para detectar algum engenho explosivo. Passei por um aldeamento a quem lhe chamavam de Nova Coimbra vi várias palhotas onde viviam homens mulheres e crianças de raça negra. Vi um aquartelamento das nossas tropas que é nossa passagem gritaram bem alto! Alto checa   pior que turra vai para o mato vai para o inferno do Lunho. A coluna l  seguia em marcha lenta e já se notava a refulg ncia do astro rei a deixar de brilhar na picada para dar lugar   noite já muito perto encontrei um aglomerado bairro de latas construído em chapas de zinco e outras em artesanal em blocos de cimento e tijolos cercado por matagal. A coluna chegou ao destino desembarquei segui para o interior do aquartelamento onde encontrei no seu interior e exterior repleto de militares emprestava há aquele ambiente um misto e policromo quadro irradiado das fardas camufladas onde o brilho da minha farda ainda reluzente envergada no meu corpo sobressaia das do “Kokuanas” (velhos) já debotadas com muitos meses de uso.

Tinha acabado de chegar era checa de todo era a palavra que em Moçambique designava por maçarico o novato o recém-chegado. Estava no período de adaptação à guerra propriamente dita até ali não passava de teoria depois as coisas foi mesmo a sério muito diferente de tudo o que eu tinha aprendido durante meses de prática no pacífico rectângulo Europeu. Agora era mesmo a minha vida que se encontrava em jogo. Os conselhos dos velinhos eram escutados atentamente cada um



procuravam tirar destes conselhos o maior partido possível. “Velinhos” eram os militares que nós checas íamos render às respectivas missões e que já tinham muitos meses de guerra e por isso muita experiência. Ouvi-los era um ato de muita inteligência e pelo menos me poderia trazer alguma vantagem. Os heróis do arame farpado limitavam-se a fazer as tarefas que o Comandante da Companhia designava.

Eu que tinha a especialidade de corneteiro fui escalado para integrar num grupo de combate vivi a guerra de perto. Fiz reforços nos postos de sentinela guardei a ponte do Lunho fiz picagens para detectar minas e armadilhas fiz protecção à pista de aviação patrulhamentos e parti para o mato à procura do inimigo para não se aproximar do bairro de latas ouvi as granadas do morteiro 82 a estoirar perto de mim. Mas a tropa era assim mesmo manda quem pode e obedece quem deve. A companhia de caçadores 4141 os gaviões foi colocada no pior buraco mais famoso do Niassa havia elementos que com a sua inteligência passando a graxa ao chefe para se deseniñar da guerra passando uma verdadeira instância turística. A minha indignação ia para além dos directamente visados nesta artimanha O Lunho era um

foco de civilização onde se conseguia evitar a morte. No Lunho encontrei um conterrâneo que era de S.Paio Ermesinde de nome “Carlos Outeiro” da C.CAÇ.3392 companhia que eu fui render que à minha chegada me abraçou me conduziu à sua caserna e me ofereceu a sua cama e uma caixa em madeira para eu colocar os meus haveres. Fiquei triste quando o meu conterrâneo teve de abandonar aquele local e seguir outro destino com os seus camaradas. Passados 45 anos nos encontramos dia 08 de Abril de 2017 no Maia Shopping. Demos um grande abraço e conversamos relembando todos estes momentos.



Bernardino Peixoto

Soldado Corneteiro n.º 017516/72.

